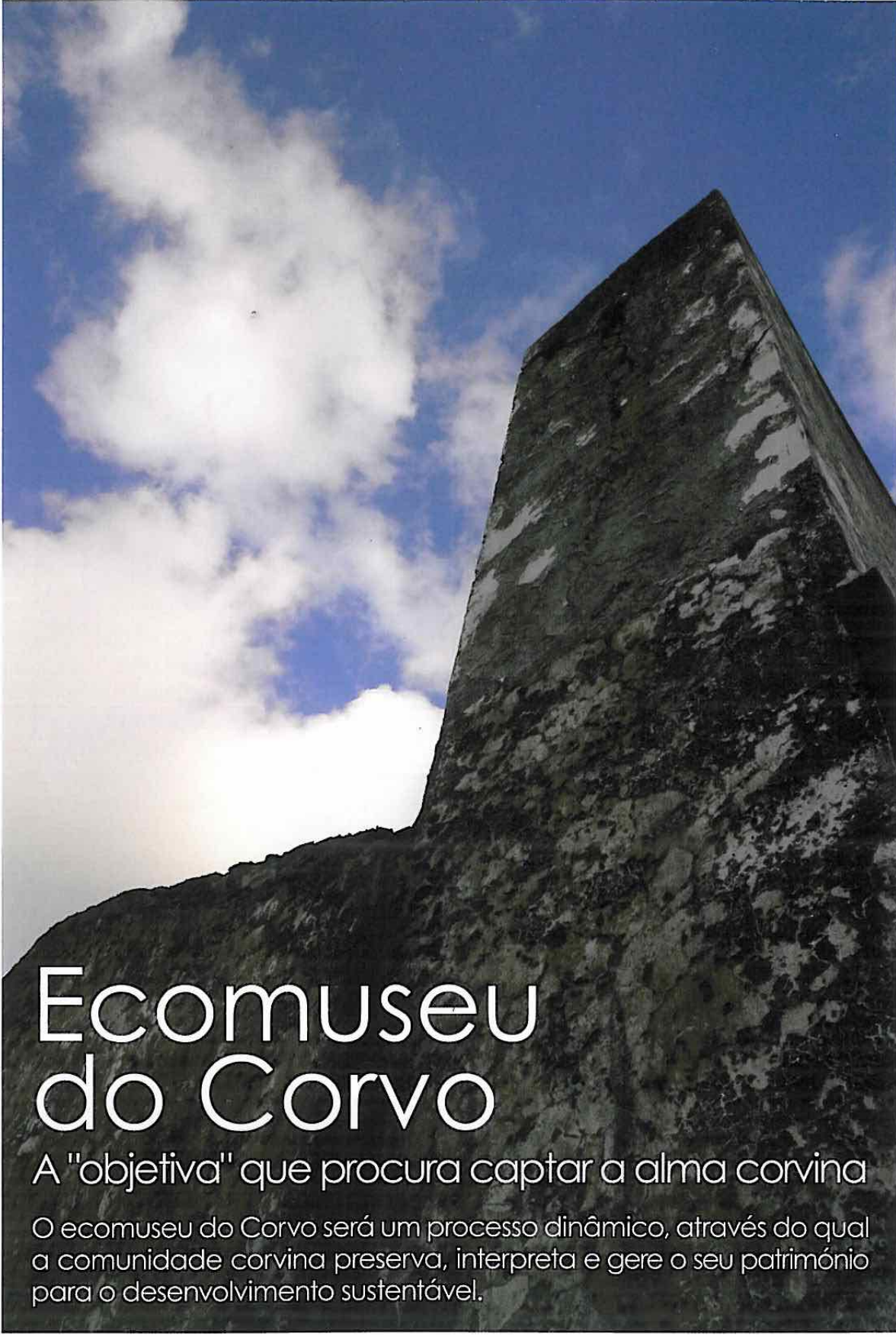


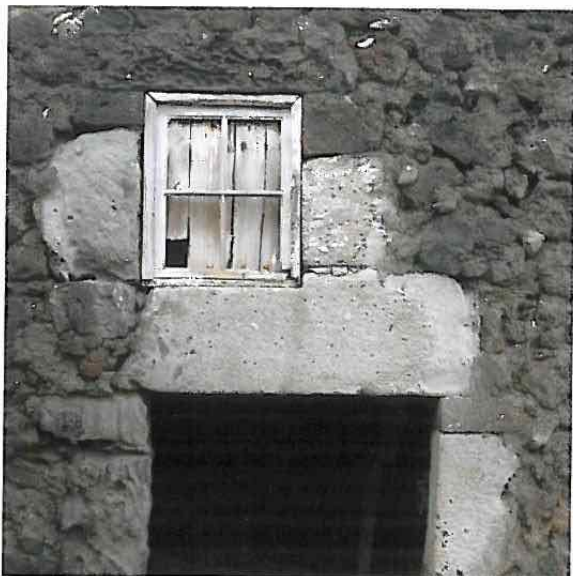


Ecomuseu do Corvo

A "objetiva" que procura captar a alma corvina

O ecomuseu do Corvo será um processo dinâmico, através do qual a comunidade corvina preserva, interpreta e gere o seu património para o desenvolvimento sustentável.

Texto: **Eduardo Guimarães** e **Manuela Lara** | DRaC | Ecomuseu do Corvo
Fotos: **Manuela Lara** | DRaC | Ecomuseu do Corvo



A Rede Regional dos Museus dos Açores integra um "(...) conjunto de museus que pretendem refletir o território onde se situam, o caráter das suas gentes e a história das suas comunidades. Oito museus – alguns deles polinucleados – dão corpo a esta missão de guardar a memória das ilhas e oferecer a quem as visita uma perspetiva da sua cultura.

(...) um variado e rico património cultural, quer de ordem material (tanto móvel como imóvel) quer de ordem imaterial são outro garante da riqueza cultural dos Açores. O seu património constituído, expresso de Santa Maria ao Corvo, os tesouros que se guar-

dam nos seus museus e as vibrantes expressões no domínio do património intangível vivenciadas pelas comunidades, traduzem outra dimensão daquilo que é peculiar, daquilo que nos engrandece e nos deve proporcionar uma especial autoestima"¹.

Corporizando a identidade cultural açoriana, a Rede Regional dos Museus dos Açores é atualmente composta por quatro museus regionais, nas ilhas de São Miguel, Terceira, Pico e Faial, e quatro museus de ilha, nas ilhas de Santa Maria, Graciosa, São Jorge e Flores.

Ora, não obstante a criação do museu da ilha do Corvo tenha vindo a ser equacio-

nada desde 1977², a ilha do Corvo é, com efeito, a única que não possui um espaço museológico que preserve, expresse e divulgue o seu património material e imaterial, algo que se considera ser imprescindível no âmbito da preservação e divulgação do património cultural da globalidade do território dos Açores e que, por tal, se pretende colmatar.

A especificidade do território insular do Corvo, o carácter resiliente das suas gentes, a história da comunidade e todos os valores patrimoniais que encerra, tangíveis e intan-

limitador e, sobretudo, desajustado da realidade da ilha e do "acervo" a "expor".

Com efeito, a riqueza e a singularidade da identidade cultural da ilha do Corvo dificilmente se poderão expressar numa coleção de peças e artefactos etnográficos, mais ou menos significativa, porquanto os conteúdos museológicos aqui em causa consistem, afinal, na própria ilha, em todas as suas dimensões (territoriais, paisagísticas, históricas, patrimoniais, sociais e económicas), constituindo o "acervo" aquilo que histórica e quotidianamente é utilizado pela

"Ambiciona-se (...) colocar a museologia ao serviço do desenvolvimento local (...)."

população, ela própria testemunho e representação inestimável do património intangível.

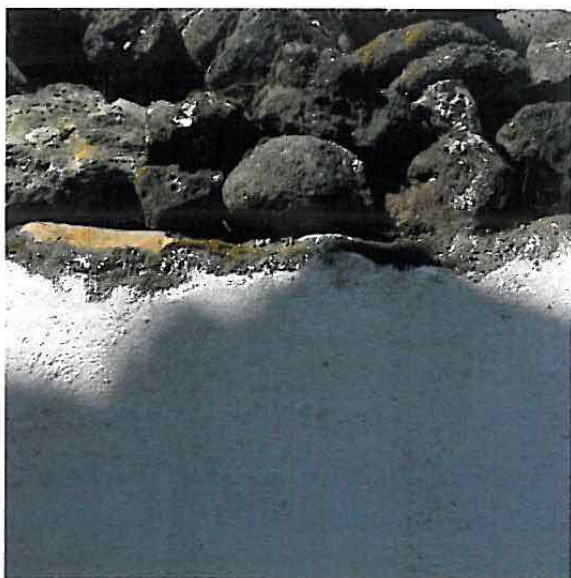
gíveis, levaram-nos a refletir sobre o conceito museológico a aplicar, tendo-se procurado identificar aquele que melhor traduziria a identidade sociocultural da ilha e dos corvinos, verdadeiramente singular e, de certa forma, algo misteriosa.

Assim, proceder à instalação de um museu nos moldes da estrutura museológica tradicional, ou seja, um museu confinado a um edifício que, por natureza, se destina à exposição pública de uma determinada coleção, onde o visitante é um espetador passivo, seria, no caso, um projeto demasiado

Ambiciona-se, portanto, ir mais longe, concretizando-se um projeto de intervenção museológica suscetível de, por um lado, fazer justiça aos valores patrimoniais em presença e à identidade cultural dos corvinos e, por outro lado, colocar a museologia ao serviço do desenvolvimento local, propósito que depressa levou a concluir pelo desenvolvimento do projeto no quadro da Nova Museologia.

Surge, assim, a proposta de criação de um ecomuseu no Corvo que, como diria George Henri Rivière (1897-1985), personali-





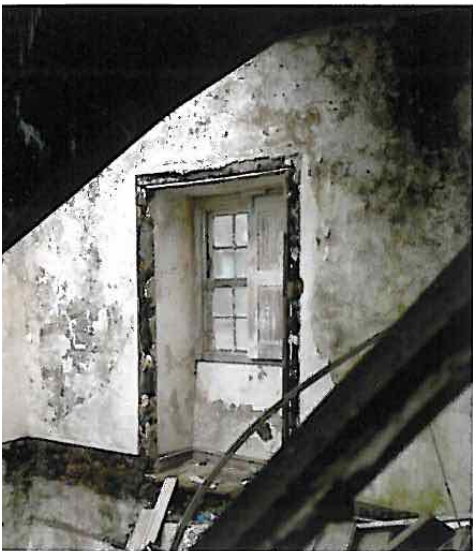
dade marcante da cena museológica europeia, "[...] é um instrumento concebido, construído e posto em funcionamento por uma autoridade pública em conjunto com a população local. O envolvimento da autoridade faz-se através dos especialistas, serviços e recursos que fornece; o envolvimento da população local depende das suas aspirações, conhecimentos e abordagem individual".

Um ecomuseu ou, como o identifica Hugues de Varine³, museu comunitário, centra-se no reconhecimento e afirmação da identidade de um lugar, para o que conta com a imprescindível participação e acordo da

comunidade local, sendo, antes de tudo, um instrumento catalisador do desenvolvimento socioeconómico local, capaz de gerar riqueza e de servir os interesses da comunidade.

O ecomuseu do Corvo será, assim, um processo dinâmico, através do qual a comunidade corvina preserva, interpreta e gere o seu património para o desenvolvimento sustentável.

Tendo em conta os pressupostos inerentes à ecomuseologia, o diagnóstico da situação de referência na ilha do Corvo levou-nos também a concluir que estamos em presença de um contexto favorável à instalação de um ecomuseu.



De facto, existem atualmente na ilha do Corvo condições e oportunidades que motivam a sua exploração no âmbito da ecomuseologia, cabendo ao ecomuseu capitalizá-las na perspetiva do desenvolvimento local, destacando-se as seguintes:

1. É a menor das ilhas dos Açores, com uma superfície territorial de apenas 17,12 km², uma única povoação (Vila do Corvo) e cerca de 430 habitantes, sendo, no entanto, detentora de uma importante carga histórica e de um inestimável património natural e cultural, cuja notoriedade, não sendo ainda de sobremaneira evidente e conhecida, merece ser ampliada;
2. É um espaço insular com características

ambientais de excelência, terrestres e marítimas, reconhecidas pela UNESCO, em 2007, através da atribuição da classificação de Reserva da Biosfera.

Será de notar que esta exigente classificação certifica o bom estado de conservação do mundo natural, o equilíbrio no relacionamento entre o Homem e o ambiente que o rodeia, exigindo, porém, que se criem condições logísticas para o desenvolvimento de atividades de promoção ambiental e de investigação científica.

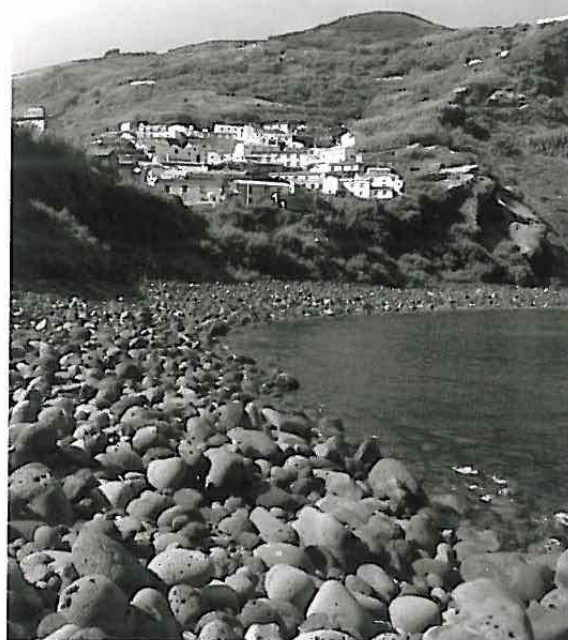
Neste sentido, importa incluir a entidade responsável pela salvaguarda daquele importante estatuto, a Direção Regional do Ambiente, como parceira fundamental do

ecomuseu, instigando-se a criação de sinergias no âmbito da promoção e divulgação conjuntas dos valores do património natural, cultural, histórico e paisagístico, os quais constituem o complexo patrimonial da ilha do Corvo.

3. Encerrando, no seu conjunto, características urbanas e tipológicas de grande excecionalidade e originalidade, com evidentes e notáveis marcas desse espírito de afirmação e independência que tão fortemente está enraizado nos corvinos, o núcleo urbano antigo de Vila do Corvo foi classificado em 1997 como conjunto de interesse público. Trata-se, afinal, como diria Maria João Avillez⁴, de "uma branca mancha de casas, atemorizadamente unidas umas às outras, contra marés e ameaças", que os corvinos misteriosamente ergueram e cuja excecionalidade a história tenta explicar.

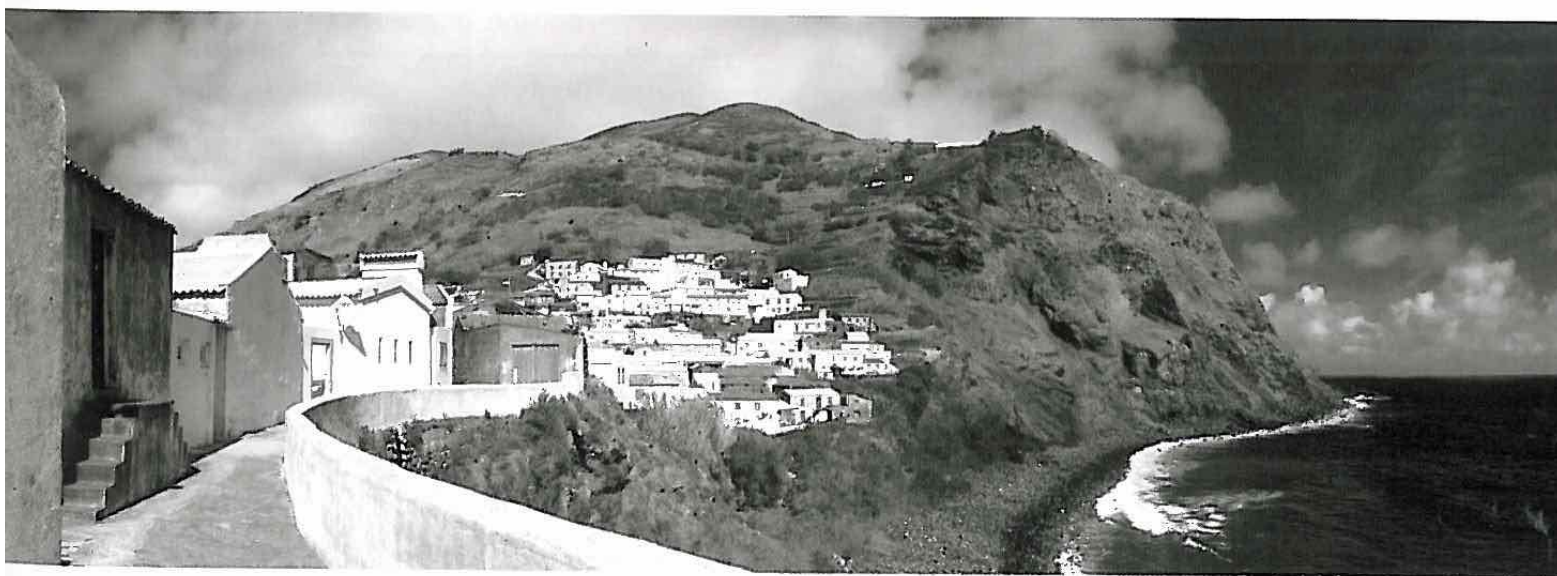
Note-se, no entanto, que tal classificação não tem, até agora, produzido relevantes benefícios, quer no que respeita à qualidade de vida da população, quer no âmbito da salvaguarda do bem classificado.

De facto, são hoje evidentes os sinais de degradação física e de abandono dos imóveis, muitos dos quais em avançado estado



de ruína, ao que acresce um significativo leque de alterações dissonantes que ao longo do tempo se têm vindo a produzir, em resposta imediata ao natural desejo de melhores condições de habitabilidade e conforto, porém uma resposta improvisada, que muitas vezes é precária e contraproducente do ponto de vista do respeito e da promoção dos valores patrimoniais que justificam a proteção do bem em causa.

A concretização do ecomuseu constitui assim o impulso necessário para a reversão da atual situação de degradação física do núcleo urbano antigo e para a correção das dissonâncias entretanto introduzidas.





A instalação do ecomuseu do Corvo assenta então num quadro estratégico de intervenção que, norteado pelos conceitos inerentes à ecomuseologia e pela situação de referência, visa o desenvolvimento de um projeto de intervenção museológica que garanta a salvaguarda e a afirmação do património natural, histórico, paisagístico e cultural da ilha do Corvo, nas suas dimensões tangível e intangível, e que, concomitantemente, promova o desenvolvimento local e a qualidade de vida da população, sendo este o macro objetivo que se pretende alcançar e que se subdivide nos seguintes objetivos específicos:

- Desde logo contrariar a degradação física do núcleo urbano antigo e a tendência para a resolução dos problemas através do improviso e da autoconstrução, promovendo a reabilitação, requalificação e refuncionalização dos imóveis e do espaço público que os mesmos conformam, induzindo-se em paralelo à desejada vivificação do centro histórico e ao consequente aumento da autoestima da população.

- Garantir a sustentabilidade das intervenções de reabilitação do edificado, através da criação de mão de obra local especializada que garanta a sua manutenção.

- Criar condições favoráveis à instalação de microempresas e à criação de emprego.

- Promover a qualidade de vida da po-

pulação, tanto na vertente do aumento do nível de conforto habitacional, como no que se prende com a fruição cultural e dinamização sociocultural.

- Contribuir para uma ainda maior valorização e projeção dos recursos ambientais existentes, em articulação com as entidades gestoras, integrando-os nesse vasto complexo patrimonial em que consiste o ecomuseu.

- Promover a afirmação da ilha do Corvo, no contexto regional, nacional e internacional, enquanto destino turístico atrativo e de imersão na comunidade, fomentando-se igualmente a criação de produtos endógenos de valor, suscetíveis de se impor no mercado pela qualidade e singularidade.

- Por fim, e não menos importante, promover o envolvimento e a participação ativa da comunidade na “construção” do ecomuseu, enquanto ator privilegiado de um museu vivo.

De entre as estratégias de intervenção definidas assinalam-se de seguida aquelas que se consideram ser incontornáveis para atingir os objetivos delineados:

- Instalação de um gabinete de apoio técnico, da responsabilidade executiva e financeira da Direção Regional da Cultura, destinado, por um lado, à elaboração, *pro bono*, dos projetos e acompanhamento das obras de reabilitação do património edificado e do espaço público, em articulação com a autarquia e com os proprietários dos



imóveis, e, por outro lado, à dinamização sociocultural, gabinete que se encontra em funcionamento desde setembro último, sendo atualmente assegurado por dois técnicos residentes na ilha.

- Criação de uma bolsa de imóveis degradados e/ou devolutos, com interesse estratégico para a concretização do ecomuseu, a reabilitar e refuncionalizar em parceria com os respetivos proprietários, mediante contrapartidas, a exemplo da afetação do imóvel ao ecomuseu, por um período de tempo variável e proporcional ao custo da intervenção.

"(...) um dos grandes desafios que se colocam na implementação de um projeto desta natureza respeita a capacidade de motivar a população corvina."

- Criação e promoção de uma rede integrada de alojamento turístico, na vertente do Turismo no Espaço Rural (turismo de aldeia), com padrões de qualidade e conforto suscetíveis de colocar o Corvo em posição competitiva no contexto da oferta turística, quer através da instalação de novas unidades de alojamento, quer pela adaptação do alojamento informal existente.

- Vivificação do núcleo urbano antigo, aqui não só através da reabilitação e refun-

cionalização dos imóveis, como também mediante intervenções de requalificação do espaço público, enquanto motor de galvanização do núcleo histórico, consolidando e potenciando as suas funções sociais e culturais, incluindo, neste âmbito, ações específicas de dinamização.

- Criação de circuitos ecomuseológicos, interpretativos da paisagem natural e cultural, que propiciem o reconhecimento do património material e imaterial, através da identificação de pontos de interesse e pelo contacto dos visitantes com a comunidade

corvina e a sua história, o que, afinal, constitui o "acervo" a "expor".

- Criação de condições de visitação de locais de produ o artesanal, integrando-os nos circuitos ecomuseológicos, tendo em vista a valoriza o dos produtos e o reconhecimento dos saberes locais, assim como a cria o de um ambiente físico favorável   instala o de microempresas que concorram, em diferentes áreas de negócio, para a concretiza o dos objetivos definidos.

seol gicos, tendo em vista a valoriza o dos produtos e o reconhecimento dos saberes locais, assim como a cria o de um ambiente físico favorável   instala o de microempresas que concorram, em diferentes áreas de negócio, para a concretiza o dos objetivos definidos.

- Promo o de ações de dinamiza o sociocultural conducentes   apropria o consciente do património natural, histórico, paisagístico e cultural do Corvo, de forma a contribuir, tanto para a preserva o sustentável desses patrim nios, como para o fortalecimento de sentimentos identitários e de competências de cidadania.

- Promo o do aproveitamento dos fundos regionais e comunitários disponíveis, incluindo o incentivo   cria o de movimentos associativos e   gestão participada do ecomuseu.

De notar que o quadro estratégico de interven o definido, a operacionalizar mediante a implementa o de projetos e ações concretas (algumas das quais já em curso), consiste num processo necessariamente dinâmico e em aberto, para o qual, como já se referiu, a participa o dos corvinos   fundamental, enquanto atores de um "museu vivo".





Considerados os objetivos definidos e a estratégia de intervenção perspectivada para a sua concretização, a instalação do ecomuseu do Corvo revela-se um projeto ambicioso, porque exigente e de contornos complexos, porém exequível, dependendo o seu sucesso das ações concertadas das entidades públicas com responsabilidades sobre o território e sobre o património em presença e, sobretudo, da vontade e do grau de comprometimento dos corvinos na participação no mesmo, já que eles são, afinal, os privilegiados agentes do desenvolvimento local e os detentores, por direito, desse mesmo património.

Retira-se daqui que um dos grandes desafios que se colocam na implementação de um projeto desta natureza respeita a capacidade de motivar a população corvina a assumir o ecomuseu como "coisa" sua, levando-a ao empenhamento e comprometimen-

to com os desígnios do projeto e à gestão partilhada do património, através de uma participação efetiva na "construção" do ecomuseu, pedra a pedra, e de forma ativa e consciente, de resto, como sobre isso refere José Manuel Silva, corvino e atual Presidente da Câmara Municipal do Corvo (pág. 20).

Em síntese, pretendendo-se mais do que a instalação de um museu nos moldes da museologia tradicional, a criação do ecomuseu do Corvo, enquanto museu comunitário da ilha e "objetiva" que procura captar a alma corvina, assume-se como um projeto inovador no âmbito das estruturas culturais da Região, porquanto ao mesmo tempo que salvaguarda e valoriza a identidade cultural do povo corvino, nas suas diferentes expressões, impulsiona também o desenvolvimento integrado e sustentável do território, capitalizando, redirecionando e ampliando os recursos patrimoniais em presença.

Notas

¹ In Programa do XI Governo Regional dos Açores.

² Prevendo-se, nesta altura, a criação de uma instituição cultural na ilha do Corvo, com a denominação de "casa de etnografia", onde seriam conservados e expostos objetos de interesse etnográfico.

³ Hugues de Varine (1935-), consultor francês na área do desenvolvimento comunitário, reconhecido como um dos principais teorizadores e dinamizadores do conceito de ecomuseu.

⁴ Em artigo publicado no jornal *Público* de 27.04.2012 ("Os prodígios da ilha do Corvo"), a propósito do documentário "É na Terra não é na Lua", de Gonçalo Tocha.

José Manuel Silva, presidente do município do Corvo

Ecomuseu é garantia de identidade no desenvolvimento da ilha do Corvo

Como enquadra o Ecomuseu na estratégia de desenvolvimento do Corvo?

José Manuel Silva (J.M.S.) – O Ecomuseu é a garantia de que o desenvolvimento do Corvo se fará de forma sustentável e no respeito da identidade e das memórias das nossas gentes. É também a garantia de valorização e revitalização da parte antiga da Vila que é, do ponto de vista material, aquilo que nos distingue, de forma muito particular e faz parte da nossa identidade.



Qual é, na sua opinião, o maior desafio deste projeto?

J.M.S. – O nosso maior desafio é fazer com que as pessoas encarem o Ecomuseu como algo que é seu, algo que lhes diz respeito. Quando esse entendimento for atingido, participarão de forma efetiva nesse processo dinâmico de desenvolvimento que é o Ecomuseu. A par disso, será muito importante a ação coordenada dos serviços e de todas as organizações do Corvo.

Em que medida a determinação desta forma de musealização irá afetar a ação camarária?

J.M.S. – O projeto do Ecomuseu surgiu, desde a primeira hora, de forma concertada entre a Câmara Municipal do Corvo e a Direção Regional da Cultura dos Açores, de maneira que este projeto está em total conformidade com o nosso programa e a nossa perspetiva do que deve ser o desenvolvimento do Corvo. Independentemente das vias de financiamento a que o Ecomuseu irá aceder, a Câmara irá potenciar outros meios, nomeadamente o programa "Competir +", na vertente do "Urbanismo Sustentável Integrado", a fim de materializar os objetivos do Ecomuseu, porque, como disse, existe uma perfeita sintonia entre os objetivos do Ecomuseu e os objetivos deste executivo.

Certa vez, questionado sobre qual deveria ser a preocupação dos responsáveis por um ecomuseu na fase de lançamento, Hugues de Varine, o mentor deste tipo de museus, disse que deveriam atuar pensando num prazo de 50 anos. Como se garante a durabilidade de um projeto de gestão partilhada além dos quatro anos dos mandatos municipais?

J.M.S. – Se as pessoas se identificarem com os objetivos do Ecomuseu e integrarem os seus princípios, atingiremos o ponto de não retorno, na medida em que ninguém ousará decidir contra a vontade dos corvinos. Da nossa parte, quando chegar a hora, iremos passar ao executivo que nos suceder, todas as informações relativas ao Ecomuseu, para que se possa dar continuidade a este projeto que está para lá das possíveis divergências partidárias, porque assenta naquilo que é comum aos corvinos, aquilo que os faz serem corvinos: o seu património natural, cultural e histórico. Vai ser muito importante o papel dos jovens neste processo. Se os jovens assumirem o seu papel de herdeiros desse património, não teremos grandes razões para nos preocuparmos.

Quais as principais mais-valias deste projeto de desenvolvimento local?

J.M.S. – São inúmeras as mais-valias deste projeto, pois ele é bastante abrangente. Saliento, contudo, a valorização, reabilitação e revitalização da parte antiga da Vila do Corvo, que, de forma concertada com todo o património corvino, visa o nosso desenvolvimento sustentável/durável, isto é, a efetiva melhoria de vida dos corvinos sem desrespeitar a nossa identidade e história.



ECOMUSEU

CORVO

GABINETE DE APOIO TÉCNICO
Canada do Graciosa
9980 031 VILA DO CORVO

Telefone: 292 596 063
Mail: ecomuseudocorvo.focal@gmail.com